FIGUEIRA DA FOZ

Bombeiros Voluntários

Sua magnífica organização — Almas afeitas ao perigo e almas resignadas

Fala o dr. Argél de Melo, grande amigo da instituïção

...Pede-me V. *duas linhas* para acompanharem as fotogravuras dos carros da Corporação dos Voluntários da Figueira da Foz.

Há pedidos dêstes que nos deixam embaraçados, sem sabermos como começar, como acabar, e como preencher — o que é mais difícil! — O espaço que o chefe da tipografia nos reservou...

Assim sucede, quando o trabalho a executar é todo cerebral, arrancado, palavra a palavra, das células nervosas onde se geram, envoltas em mistério, as idéias...

Não é êste o caso!

Para escrever sôbre *Bombeiros* e mórmente a propósito desta Associação, o cérebro quási não intervem: escuto a voz do coração, que sempre se ergue, empolgante, a dominar-me, e deixo-a conduzir a pena à mercê dos seus impulsos.

Por herança, que me tem ligado à sua Direcção há cêrca de duas dezenas de anos, habituei-me a dedicar aos bombeiros um carinho especial, uma simpatia especial também, fortemente acentuada, que vem desde os saudosos tempos em que ostentei na gola do meu pequenito fardamento o significativo número ZERO...

Escutando com frequência, em casa, palavras de louvor a essa pleiade de rapazes, a infantil vaidade de me apresentar fardado evolucionou com o espírito, convertendo-se, a pouco e pouco, num forte sentimento de admiração que hoje cultivo com fervôr, alheio àquêles desenganos que sempre experimenta quem procura trabalhar para a comunidade.

Bem merecem êles tal dedicação.

Não há heróis mais completos do [illegible]

[illegible] nome da pátria, àlém, lá longe, a irmãos ou povos distantes...

Heróis são também os obscuros rapazes que, à luz do sol ou pela calada da noite, acorrem, solícitos, aqui e ali, onde o incendio se manifestou e logo se ergue, implacável, numa ância feroz de destruição impressionante...

Estes são os Heróis modestos, os que tantas vezes sem cultura, seguem a puresa do seu instinto, que os leva a serem úteis aos outros, elevando-se acima de si, numa abstracção da sua personalidade que não póde deixar de merecer o nosso aplauso, o nosso profundo e imperecivel reconhecimento!

E' êste o reconhecimento que sinceramente tributo aos BOMBEIROS.

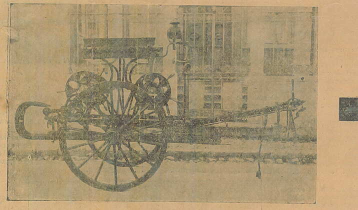
A. Argél de Melo

[illegible]

Não são sómente Heróis os que matam, febrilmente agarrados à metralhadora crepitante que em volta de si espalha o terror e a morte...

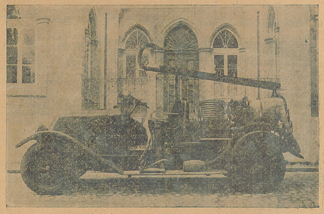
Não são sómente Heróis os que nos lugares próprios cuidam de doentes ameaçados por males que muitas vezes atacam os que procuram debelá-los...

Não são sómente Heróis os que nos ares, em frágil embarcação, sobrevôam continentes e mares, levando o [illegible]



CARRO DE MANGUEIRAS

MANUEL DIAS SOARES
Maestro modelar, alma de artista e inteligente ensaiador do «Rancho do Vapor», que fez as delicias da mocidade de há 30 e tal anos



Pronto-socorro SOTTO-MAYOR

Bombeiros Voluntários da Figueira da Foz

Esta Associação foi fundada em 19 de Dezembro de 1882, contando, portanto, 53 anos incompletos.

Nomes dos fundadores: Custódio Brás de Lemos, João Maria da Rocha Júnior, Júlio Brás de Lemos, Manuel Ramos de Oliveira, João Maria Viana, António Augusto Maia, José Maria de Oliveira, Custódio dos Santos.

Nomes dos primeiros comandantes: Ernesto Fernandes Tomás, 1.º comandante; Manuel Ramos de Oliveira, 2.º comandante.

O seu primeiro Corpo Activo era constituido por 23 homens, dos quais 2 comandantes, 4 patrões, 2 agulhetas [illegible]

[illegible]

Distinções recebidas: Por Decreto de 23 de Novembro de 1903, foi-lhe concedido o título de *real*, que usou até à proclamação da República; por portaria de 17 de Abril de 1920, foi agraciada com a Cruz Vermelha de Dedicação; Por Decreto de 21 de Novembro de 1927, foi reconhecida de *Utilidade Pública*; Por Decreto de 30 de Abril de 1929, foi condecorada com o *Grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo*.

Está instalada em séde própria, mandada construir quando era Presidente da Direcção o Dr. Anibal Augusto de Melo.

Viaturas que possui, presentemente: Bomba manual Jauck, de tracção braçal; carro de mangueiras, idem; Carro *Figueira*, automovel; Carro *Sotto-Mayor*, automovel; Carro *Custódio Brás de Lemos*, automovel, com uma [illegible]

As suas viaturas

Bomba manual JAUCK

É a mais antiga.

Encomendada em Fevereiro de 1883, chegou a esta cidade em Agôsto do mesmo ano.

Foi adquirida por subscrição pública.

Carro de mangueiras

Foi adquirido em 1899 (Janeiro).

Executou-o J. Samagaio, tendo importado em 110$10 reis, segundo o desenho fornecido pelo sr. Florêncio Monteiro de Figueiredo.

Carro FIGUEIRA

Montado sôbre um chassis Siddley Deasy, adquirido em 25 de Novembro de 1927, no Parque Automóvel Militar, por 9.000$00.

[illegible]

A cerimónia do seu baptismo, que se realizou em 10 de Junho de 1928, revestiu grande imponência.

Serviu de madrinha a menina Maria Manuela de Melo Santos, neta do antigo Presidente da Direcção, Dr. Anibal Augusto de Melo.

Carro SOTTO-MAYOR

Oferecido pelo ilustre Sócio Honorário sr. Joaquim Felisberto da Cunha Sotto-Mayor, em Agôsto de 1930.

Encarregaram-se da sua adaptação os mesmos artistas que trabalharam no carro *Figueira*.

Paraninfou o seu baptismo a menina Maria Madalena Sotto-Mayor, netinha do bondoso oferente e padrinho o sr. Francisco Martins Cardoso.

[illegible] Companhia da Beira, em 1930.

O chassis custou 18.000$00 e foi pago com a parte da importância do empréstimo contraído na Caixa Geral de Depósitos.

A adaptação, pintura, apetrechos, etc., custaram 7.615$50 e a escada 28.022$20.

Estas importâncias foram pagas pela subscrição pública, que rendeu, na sua totalidade, 36.294$83.

No baptismo desta viatura serviu de madrinha a gentil menina Maria Gonçalves, afilhada do sr. Joaquim Fernandes Estrada, e de padrinho o sr. Florêncio Monteiro de Figueiredo.

A actual Direcção é assim constituida:

Presidente, Tenente A. Argel de Melo; Vice-presidente, Alberto dos Santos Marques; Tesoureiro, Arménio Faria; 1.º secretário, Germano Cardoso; 2.º secretário, Fausto Viana; 1.º comandante interino, Alberto dos Santos Marques; 2.º comandante interino, Jerónimo Pinto da Silva.

O sr. tenente Argel de Melo é um grande entusiasta pelo desenvolvimento e prosperidades da Associação, seguindo, assim, as nobres tradições de família, pois seu venerando Pai, o falecido sr. dr. Anibal Augusto de Melo, como presidente da prestimosa corporação, a salvou, um dia, de ruina certa

«O Dever», cumprimenta, afectuosamente, a benemérita colectividade, e agradece ao ilustre presidente da actual direcção, militar estudioso e estimadissimo, Sr. tenente Argél de Melo, o judicioso e belo artigo que, sob a epigrafe «Bombeiros Voluntários» publicámos em começo desta página.

Bombeiros Municipais

Vai para 71 anos, a fazer em 1 de Março do próximo ano, que a Câmara Municipal da simpática e progressiva cidade da Figueira da Foz, fundava, para defesa dos habitantes da linda terra ribeirinha, uma corporação de Bombeiros, que, de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, de dedicação em dedicação, é, hoje, embora não em número, mas em qualidade, uma das melhores corporações congéneres do litoral.

O actual corpo efectivo, que tão briosamente comanda o velho profissional, o dedicado figueirense, sr. João da Silva Rascão, é composto, além dêle, por mais um Inspector, o distinto oficial do exército, sr. tenente José Miranda Andrade, um ajudante do comando, três chefes, três sub-chefes, vinte bombeiros, um motorista, um motorista auxiliar e um amanuense.

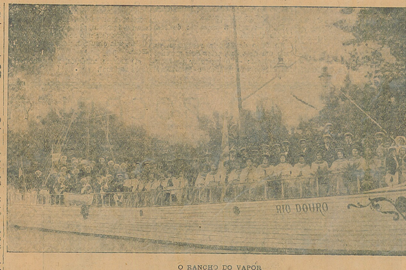
Instalada em edifício próprio, no Largo da Igreja, tem, além de pessoal adextrado e de grande abnegação, três viaturas motorisadas e uma esca- «Magyrus» manual.

Os relevantes serviços que tem prestado à população citadina, são do conhecimento de tôda a gente.

Viveu, sózinha, na defesa de pessoas e de coisas, até que, em 1882, veio enfileirar, a seu lado, briosamente, a corporação dos Voluntários, a que noutro lugar prestamos homenagem.

Irmanadas no mesmo pensamento humanitário, são bem dignas da admiração geral.

Os nossos incómios mais sinceros, na pessoa de seu ilustre comandante.



O RANCHO DO VAPOR

O RANCHO DO VAPOR

Está enfermo, retido em casa, Manuel Dias Soares. Sofre de grave doença!

Já morreu Pereira Correia!

Dos da geração anterior, poucos são os que, ainda podem, assistir ao exibicionismo brilhantissimo do renascido «Rancho do Vapor».

Andava à roda de 1902, subiamos nós, todas as tardes, a ingreme rua da Bica, ao encontro de Pedro Pipa, filho, então cábula das segundas letras.

Seu pai, homem erudito, pontificava, com Augusto Veiga, Carlos Borges e outros, na *Gazeta da Figueira*, em cujas [illegible]

José e Manuel Gomes Cruz, Barata Salgueiro e tantos outros, e coube-nos, como sócio, o n.º 5, salvo êrro.

Mas, porque nos faz mal, porque nos faz saudade continuar, deixamos a Carlos Sombrio, sonhador e bom, a descrição do Rancho do Vapor, porque ele, melhor do que ninguem, sabe dizer o que foi esse soberbo e aguerrido grupo de mocidade, hoje reconstituido e sob a direcção, dentre outros, de António Fadigas, incansável pró seu Rancho, que dá alma, vigôr e o entusiasmo próprio dos *carólas* por quelquer causa que [illegible]

[illegible] to, em casa de esquina e de tôpo.

Este *pinta ratos* deu, mais tarde, brado nos palcos do País, casado com Palmira Bastos. Depois... depois calou-se, deixou apagar a sua voz, bem timbrada e bem equilibrada.

A' rua da Bica iamos para ver uns olhos pequenos que lá havia, e que, durante 4 anos, nos prenderam...

Asssitimos à fundação, com nossos 18 anos, do Centro Républicano Dr. José Falcão, obra de José da Silva Fonseca, de Gomes Tomé, Drs. Cortezão, [illegible]

O RANCHO DO VAPOR

«Os rapazes e as raparigas de então, mocidades aquecidas por quiméricos sonhos e esperanças de ventura, devem andar hoje entre os quarenta e cinco e os cincoenta anos...

«O velho Rancho do *Vapor* de seus pais, da Rua das Canas, que tinha desafiado com garbo e alegria a *Chalupa*, também da Rua das Canas, mas lá ao fim, quási a ligar com a Rua da Espe- [illegible]

ANTONIO DE FREITAS
NEGOCIANTE DE PEIXE
Rua de Vasco da Gama, 23
Telefone 246 - Figueira da Foz

Gil & Luciano
Mercearias
49, Rua da Republica, 45
FIGUEIRA DA FOZ

ANTONIO AIRES GIRÃO
VINHOS E COMIDAS
ESTRADA DE COIMBRA, 19
FIGUEIRA DA FOZ

Diniz & Irmão, L.da
Modas e Retrozeiro
A casa que mais barato vende e que maior sortido tem
Largo Luiz de Camões
Telefone 344 Figueira da Foz

Joaquim Nunes
Mercearias
RUA DA REPUBLICA, 116
FIGUEIRA DA FOZ

VIUVA ANDRADE RAINHO
ARMAZEM DE PEIXE
Rua Afonso de Albuquerque, n.º 13
Telefone n.º 317
FIGUEIRA DA FOZ

Manuel Lopes & Irmão
Sal em vagões, Vinhos e seus derivados
Telefone n.º 150
FIGUEIRA DA FOZ

A NOVIDADE
DE
MANUEL DA SILVA CAIANO
Sortido completo em lanificios nacionais e estrangeiros — Fazendas brancas e miudezas — Retroseiro — Grande sortido em chales e lenços de sêda — Especialidade em panos brancos — Vendas por junto e a retalho
Largo Luiz de Camões, 42 e 43
R. das Parreiras, 29, 31, 33 e 35
TELEFONE 96
FIGUEIRA DA FOZ

Chapelaria da Moda
DE
SERAFIM DOS REIS
ULTIMAS NOVIDADES
Oficinas de Chapeus de cabeça para homem, senhora e criança
SOMBRINHAS E GUARDA-CHUVAS
BONETS para civis, militares, caminhos de ferro, filarmonicas, etc.
Tinjem-se e transformam-se chapéus de homem, senhora e criança
Concertam-se guarda-chuvas e sombrinhas
Grande variedade em Merinos e Alpacas inglesas, chapéus e bonets dos ultimos modelos por preços sem competência
Todos os trabalhos desta casa são dirijidos pelo seu proprietario, com longa pratica do seu mistér, garantia de bem servir a sua estimada clientéla
PRAÇA NOVA, 59 — Figueira da Foz

Ramos & Vital, L.da
Antiga casa Elisio Mendes da Costa
FERRAGENS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
LOUÇAS ESMALTADAS — TINTAS — OLEOS — VERNIZES
FOLHA DE FLANDES — FERRO EM BARRA
Praça Nova, 57-59
TELEFONE 17
Figueira da Foz

MERCEARIA LUSITANA
De MANUEL JOÃO PONTE
14 - Mercado Engenheiro Silva - 16
Figueira da Foz — Tel. N.º 69
Correspondente da antiga companhia de seguros
GARANTIA
Fundada em 1853
SEGUROS TERRESTRES, DE VIDA E MARITIMOS
Fornecedor de Companhias de Navegação
MOAGEM DE CAFÉ A ELECTRICIDADE
Entrega de encomendas ao domicílio
Vendas por junto e a retalho

ELECTRO AUTOMOBILISTA
DIAS GASPAR & OLIVEIRA
R. da Republica, 81-83 - R. Fernandes Tomaz, 166-168
TELEFONE 118
FIGUEIRA DA FOZ
Acessórios de automóveis — Gasolina, óleos das melhores marcas, valvulinas e massas consistentes — Correias, empanques, amiantos, fibras — Desperdícios para limpeza — Material eléctrico, lâmpadas para automóvel e iluminação.
Agentes e depositários exclusivos nesta cidade de:
Pneus «Continental», «Royal» e «Pirelli» — Material «Lucas» — Tinta contra o carruncho e humidade «Solignum» — Serras de fita sueca «Viking» — Rolamentos «Hoffmann» para automóveis e máquinas industriais.

Silva Borges & Irmão
(Sucessores de Antonio Soares Coronel)
Armazem de vinhos e seus derivados
Azeites, Sal em wagons
REPRESENTAÇÕES
Ruas: República, 9 e 11; Fernandes Tomaz, 10 a 18
Telefone 16 — Telegramas: Representações
FIGUEIRA DA FOZ

Quereis ser bonita?
USAI A LOÇÃO REGINA QUE VOS FARÁ DESAPARECER POR COMPLETO TODAS AS SARDAS E MANCHAS DE PELE
Fabricada na:
FARMACIA CENTRAL
DE
ANTONIO MARQUES MURTA
Farmaceutico pela Universidade de Coimbra
Rua da Republica, 120
FIGUEIRA DA FOZ

LUCIO FERREIRA
Telefone, 353
Mercearias-Cereais-Bacalhau
Cabeças e linguas de bacalhau da nova safra
BATATA NACIONAL E ESTRANGEIRA
Rua da Républica, 71 a 73
Rua Fernandes Tomaz, 64 a 66
FIGUEIRA DA FOZ

Pascoal & Pereira
MERCEARIAS
BACALHAU
E CEREAIS
TORREFACÇÃO E MOAGEM ELECTRICA DE CAFES
R. da Republica, 167-169
Telefone N. 62
FIGUEIRA DA FOZ

RELOJOARIA
DINIZ S. DUARTE
RELOGIOS DAS MAIS ACREDITADAS MARCAS
Ouro, prata e joias do mais distinto gôsto e aos melhores preços
Vendas a pronto e a prestações de 5$00 semanais, com bónus
LARGO DO CARVÃO, 9-10
FIGUEIRA DA FOZ

F. NEVES ZUZARTE
Armazem de Solas e Cabedais
Telefone n.º 171
PELARIAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
importação directa
Rua da Républica, 83 a 85
Rua Fernandes Tomaz, 74 a 78
FIGUEIRA DA FOZ

BOANOVA & C.ª
Madeiras, Ferragens, Gêsso, Cimento, Cal hidraulica, Telha, Tijolo, Manilhas, Loiças sanitárias, etc.
TELEFONE, 161
FIGUEIRA DA FOZ
RUA DIREITA DO MONTE, 14

Antonio Nunes Gaspar
SUCESSOR DE SILVA BORGES & C.ª S.
Farinhas - Mercearias - Bacalhau
Rua Fernandes Tomaz, 86 a 94
Rua da Républica, 97 a 101
Telefone 92 FIGUEIRA DA FOZ

ADELINO PARREIRA
MERCEARIA E CEREAIS
Rua da Républica, 114
Chamadas ao TELEFONE 280
FIGUEIRA DA FOZ

A PRIMOROSA
— DE —
Manuel da Silva Teixeira
Agente no distrito das Fábricas de produtos de Cortiça Robinson Bros, Limitada — Sub-Agente da The Central Insurance Company, Ltd. (Seguros contra fog.)
MERCEARIA FINA
Especialidade em Chá, Café, Massas, Arroz, Farinhas, Bacalhau, etc.
Telefone, 253 Rua da República 210-212
FIGUEIRA DA FOZ

Manuel Pereira Dias
Ourivesaria, Joalheria e Relojoaria
Completo e variado sortimento de objectos de OURO e PRATA do mais fino gosto
Concertos em quaisquer marca de relogios e ojectos de ourivesaria
Telefone, 368
Praça Nova, 7 A 9
FIGUEIRA DA FOZ

MONTEMOR-O-VELHO

História, lendas e tradições — O que é a apatia dum pôvo — O que vale o seu vigor, a sua energia e o seu trabalho

DECADÊNCIA QUE CONVEM EVITAR. — POVO LABORIOSO E BOM

Dr. João Constantino, Presidente da Comissão Executiva da Camara Muuicipal de Montemór-o-Velho

Capitão Gomes da Silva, vice-Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal

Ao nosso concelho, mas, principalmente, à vila de Montemór-o-Velho, andam ligadas lendas e narrativas que muito ilustram, engrandecem e iluminam as páginas da História de Portugal.

Montemór-o-Velho, sem os lances gerreiros de nossos maiores, seria apenas uma terreóla da exuberante e ubérrima provincia do Douro, como muitas outras cujo presente engrandecimento só daqui a séculos será devidamente apreciado.

A vila, séde do concelho, não tem sido das mais beneficiadas dos poderes públicos, antes, desde as mais remotas eras, um àrzinho de descuido por ali tem adejado.

Fértil em berço de figuras de relêvo na história de todos os tempos, talvez que seus filhos, pelo menos os mais prestigiosos, perdidos no imenso matagal da política desvairante, houvessem olvidado, por vezes, o torrão onde balbuciaram as primeiras palavras e soltaram os primeiros e inocentes vagidos.

Agora mesmo um vento de desconforto colectivo a faz estar, outra vez, de braços cruzados aguardando, do govêrno, o benefício, aliás justo, da restauração da Comarca, que, já por três fatídicas vezes, lhe foi tirada, dividindo-se as suas atribüições jurídicas por Figutira da Foz, Coimbra e Cantanhede, como presentemente sucede.

Mas sempre a séde do concelho, com as povoações do sul e Liceia, fica encorporada na comarca da Rainha do Mondego, da nossa maior soidade.

Foi assim antes de 1757, tendo a vila de Montemór cinco freguesias: S. Miguel Arcanjo, com priores pagos pelos Duques de Cadaval, à razão de 250 mil reis anuais, com 43 fógos; Santa Maria Madalena, com a mesma casa ducal dispendendo 120 mil reis e com 98 fógos; S. Salvador, com 38 fógos, apresentando o real padroado o respectivo prior, com 300 mil reis; S. Martinho, com um vigário apresentado pelas religiosas de Santa Clara, com 286 fógos e 90 mil reis; Santa Maria de Alcáçova, com vigário apresentado pela mitra, tinha 280 fógos e 260 mil reis.

No reinado de D. João V, Montemór-o-Velho era cabeça de comarca, pela segunda vez, com o competente *Juis de Fóra*.

A política agitada de 1834, porém, entendeu suprimi-la. Mártir das Martires parecia, sem êsse importante ramo de administração pública como [illegible]

Mas a gente de Montemór, da vila de Montemór, gente séria, honesta, trabalhadora, amiga do seu bêrço natalício, fóra do âmbito de seu importante comércio, de sua agricultura modelar, trabalhando nas hortas ribeirinhas, nos vinhedos das encostas, nos arrozais e milharais que o Mondego docemente afaga e beija; a gente de Montemór, que não vive de empregos públicos, essa, perdida nos campos e nos montes, nos brêjos e fójos, nas campinas regionais, em busca do pão pelo trabalho honrado, guiando a charrua e calcando a grade, abrindo bermas e caminhos, rasgando a terra a golpes de enxada e picareta: — essa gente nem sempre é bem orientada para, junto dos poderes constituidos, com ordem, com método, com factos, reclamar o que mais falta faz, o que é absolutamente indispensável ao engrandecimento, à prosperidade e felicidade da terra, quer dizer: da vila.

Atuam isoladamente, os que têm interêsse directo na concessão de certas regalias ou no restabelecimento de regalias que perderam.

Não se julgue que aconselhamos assaltos e lutas, à maneira de D. Ramiro I, de Leão, familiar do famoso abade, governador do vetusto castelo, que, sabendo bem «cantar laudes e matinas», não sabia menos manejar o seu montante, pesado e rude, nas contendas e pelejas.

Também não queremos que, como Abd-el-Ramau, Kalifa de Córdova, investindo, em 848, contra o castelo da vila, na batalha memorável de *Clavijo*, o pôvo de Montemór se lance em aventuras e guerrilhas, obedecendo à voz dos chefes, para reclamar o que só lógica, legal e pacificamente se poderia obter.

E' que não temos, hoje, uns condes Aldredo e Pinello, investindo contra o Abade João para ir, de novo, na direcção de Vizeu, a batalhar no Feital e nem um bispo de Salamanca para descobrir, ali mesmo, a sepultura de D. Rodrigo, último rei godo.

E nem essas repetições da história são precisas para acordar os montemórenses.

Basta-lhes olhar, com ternura e patriotismo, para a maneira alevantada como outras terras se engrandecem e progridem, aproveitando a bela oportunidade da hora nacionalista que passa, tendo, ao leme da governação, o Homem excepcional que fácilmente atenderá as suas reclamações em tudo que houver justiça.

Assim como o conde D. Henrique e seu filho, D. Afonso I, reedificaram todas as obras destruídas na fortalesa de Montemór, reparando os danos causados por D. Fernando I, o Magno, rei de Leão e Castela, também hoje o pôvo de Montemór póde, não de armas na mão, mas de coração alevantado, pedir o restabelecimento da sua comarca, razão máxima de ser da sua vida colectiva e social, do seu progresso e do seu bem estar económico, embora não reconquistasse a freguesia de Arazêde, que, quer-nos parecer, não quererá sair dos braços amigos e hospitaleiros da gloriosa terra dos Marialvas, sua dilecta companheira de tempestades e de bonanças.

[illegible] assistia o ilustre Arnelense, sr. Conselheiro Manuel Joaquim de Macedo Sotto Maior, que, em compensação, prometia e conseguiu, para Arazêde, a passagem da estrada necional, Lisboa-Porto e a linha ferrea Figueira-Pampilhosa.

Por isso, diziamos, há bocado, que queria afigurar-se-nos que Arazêde, habituada a cheirar o fumo das locomotivas ferroviárias, que lhes passam e páram à porta, ali mesmo, dificilmente se resignará, como o filho pródigo, a voltar à casa materna.

E dizemos materna, porque foi Montemór a primeira comarca e concelho a que pertenceu, visto que o concelho de Montemór-o-Velho, já em 1757 era formado por: *Arazêde*, Carapinheira, Gatões, Liceia, Means, Pereira, Reveles, Santo Varão, Seixo, Tentugal, Verride, Vila Nova da Barca, e as duas de Montemór.

[illegible]

«Hei por bem, e vos mando, que observeis o termo de acclamação que fizestes com a nobreza e povo d'esta villa, para que a Virgem Nossa Senhora, com o titulo de Victoria, seja padroeira d'ella; e que numereis a sua festa entre as mais d'essa Camara, para ficar perpétua a memoria d'este prodigio.

«Cumpri-o assim, e esta provisão fa- [illegible]

[illegible] nhora da vila, a Rainha D. Tereza, filha de D. Sancho I, de Portugal, e irmã da rainha Santa Mafalda.

Não é tudo ter-se tido (lenda, talvez), um abade João, guerreiro e monge, fundador do convento de Ceiçe e ali enterrado, em Fevereiro de 867.

E' alguma coisa, bem sabemos, ter Montemór sido pátria de Francisco de Pina e Mello, poéta e escritor; ter [illegible]

(Continua na página 9)

«Terra do Infantado»

Montemor-o-Velho, foi, durante um largo periodo da primeira dinastia, apanágio de sangue real. D. Sancho I legou-a a sua filha, D. Teresa, com o rincão da Esgueira, mas após o falecimento do rei o sucessor, D. Afonso II, pensou em expoliar a ex-rainha de leão e os outros irmãos.

Sentia divididos, por demais, os bens da Corôa, a qual defraudada em seus bens tornar-se-ia de precária autoridade. O rei proclamando os seus direitos atacou os coherdeiros, e ao passo que seus irmãos, D. Fernando e D. Pedro, se exilavam, as infantas defendiam-se aguardando o seu socorro.

D. Teresa foi a mais ousada no litigio e entrincheirou-se no castelo da sua vila à qual el-rei pôs cerco. As pedras hoje esboroadas, da fortaleza, assistiram, durante muito tempo, às lutas que terminaram pela posse da praça ficando os réditos das vilas para a princêsa após uma demorada intervenção do papa Inocencio III.

A importancia militar de Montemor-o-Velho e a sua riqueza tinham-lhe grangeado o titulo de «Infantado».

ROCHA MARTINS

MONTEMOR-O-VELHO

Não podia recusar a gentilesa do convite, que me dirigiu o ilustre director dêste jornal, para prestar a minha mais que modesta colaboração a êste antigo semanário, não só porque fui um dos seus mais antigos e assiduos colaboradores no periodo decorrido 1912 a 1918, como porque amigo é colaborador dedicado de inúmeros jornais regionalistas é sempre com agrado que [illegible]

[illegible] importantes fortalesas dêste distrito e importante papel desempenhou na defesa de Coimbra, e dêle ainda hoje se recordam interessantes lendas, actos heróicos e de bravura que orgulham e enaltecem a raça portuguesa.

Mas não só o castelo como também algumas das suas igrejas devem merecer a visita dos estudiosos e dos patriotas, porque esta vila é um precioso museu histórico, que deve ser guardado e conservado como recordação do passado e como elemento de estudo.

Mas deixemos as nossas divagações históricas para outro momento mais próprio, e por agora, associemo-nos às alegrias do bom pôvo de Montemór, da velha terra do infantado, que tem direito, pela sua situação e pela sua história, a não ser esquecida.

JORGE LARCHER
Capitão

[illegible] das diversas conquistas dos árabes, romanos e gôdos; que, até IX século se chamou Montemór e que, desde que D. Sancho I reedificou a vila de Montemór-o-Novo, se lhe acrescentou o-Velho, para a distinguir da próspera terra alentejana; se são, realmente, de apreciar, estas referências da história, não é menos de ter em conta a evolução do tempo, o progresso da civilização dos povos, o ar renovador que se respira, hoje, em Portugal, para que os montemórenses cuidem um pouco mais da defesa da sua terra, como o fazem os arazedenses, unidos, disciplinados, ordeiros e exemplarmente amigos do progresso do seu torrão natal, como o provam nêste momento, não se ficando atrás na efectivação dos festejos que por aí se exibem em acção de graças aos homens que fizeram soprar, sôbre nós, uma rajada de vento consolador no caminho das práticas realizações.

MONTEMOR-O-VELHO — Um trecho do Castelo (Fot. de *António M. dos Santos*)

Bombeiros Voluntários de Montemór-o-Velho

HISTÓRIA BRILHANTE EM COLECTIVIDADE RECENTE

Há muitos anos que se encontrava sem solução o problema de Bombeiros em Montemór-o-Velho.

E diz-se Montemó-o-Velho, compreendendo não só a séde como todo o concelho, não obstante o esfôrço isolado de meia dúzia de pessoas bem intencionadas que parcelarmente o pretendiam resolver em relação apenas a uma freguesia.

Tal porem não obviava o caso no seu conjunto, como insolúvel se encontra actualmente em relação à referida freguesia.

Muitos e muitos sinistros, alguns deveras lamentáveis, puzeram em fóco a acuidade desta situação de desleixo para um concelho aproximadamente de 25.000 habitantes que merecia ser devidamente acautelado nas suas pessoas e propriedades.

Em décadas sucessivas constituiram-se comissões para resolver tão momentoso assunto, conseguindo algumas apenas angariar magros donativos, mas o assunto ficou sempre no domínio dos projéctos. Na idéa de todo o montemórense residia essa ambição máxima de alcançar realizado êsse alto melhoramento com que desde tempos se pretendia ver dotada a sua terra.

Em 1931, depois de um pavoroso incêndio que alarmou, alta noite, a Vila, séde de Montemór-o-Velho, pelo qual se viu dizimado o esfôrço de vários anos dum incansável trabalhador, constituiu-se mais uma vez uma Comissão de rapazes para solucionar definitivamente o problema de Salvação Pública.

Os socorros de Coimbra e Figueira da Foz, que carinhosamente acorriam a qualquer sinistro e o mais prontamente possível, não satisfaziam pelo obice da distância a que se encontravam.

Urgia emprestar a Comissão eleita que a princípio teve como programa a solução de todos os problemas que Montemór pretendia ver conseguidos, o apoio moral, o amôr necessário e o ambiente indispensável à consecução dos seus fins.

De facto o pôvo não a abandonou e essa Comissão, cujos nomes seria traição omiti-los nesta pequena resenha da história dos Bombeiros Voluntários de Montemór-o-Velho, constituida pelos Ex.mos Senhores D. Luís de Alarcão Velasquez Sarmento Osório, Dr. Manuel Ribeiro Macário, Dr. Mário Augusto Mota, P.e Augusto Nunes Pereira, Abel Maria de Melo Brandão e José Fortunato de Goes Mendanha de Albergário de Nápoles Raposo, viu e lançou depois de porfiados esforços, os alicérces da Associação dos Bombeiros Voluntários nêste concelho que hoje, na noite sombria, é a única nota de vida com o seu quartel sempre vigilante.

Foi memorável o dia 21 de Fevereiro do ano de 1932 na Sala das Sessões da Câmara Municipal em que o pôvo de Montemór, na mais perfeita comunhão com o espírito novo dêsses novos, e com súbida alegria, fizeram aprovar os Estatutos da nova Associação — porque se criou assim uma Colectividade que hoje gosa do prestígio que o seu fim humanitário impõe.

Corporação dos Bombeiros Voluntários, vendo-se, no primeiro plano, de baixo para cima: Ao centro, o comandante, sr. Ernesto Crispim de Carvalho; para a direita, Dr. Manuel Ribeiro Macário, presidente da Direcção; Emílio de Carvalho Rebelo, 1.º secretário; Cesar Dias de Lima, 2.º secretário e Levy Vieira Rocha, vogal. Para a esquerda: Dr. Mário Augusto Mota, vice-presidente da Direcção; Fernando Coelho da Silva Pessoa, vogal e Manuel José Dias Galvão, tesoureiro

Da mesma sessão saiu outra mocidade aguerrida, a continuar a obra encetada, preenchendo-se por eleição os respectivos Corpos Gerentes e entregando-se-lhes a dura missão de construir, de dar vida e alma àquele organismo nascente.

Pelo esfôrço que dispenderam e pela obra patente que actualmente se exibe, os seus nomes são venerados e respeitados como devem.

ASSEMBLEIA GERAL — Presidente, *D. Luís de Alarcão V. Sarmento*. Vice-Presidente, *Abel Maria de Melo Brondo*. 1.º Secretário, *António Meneses dos Santos*. 2.º Secretário, *João Duarte Pessoa Simões*.

DIRECÇÃO — Presidente, *Dr. Manuel R. Macário*. Vice-Presidente, *Dr. Mário A. Mota*. 1.º Secretário, *Emílio de C. Rebêlo*. 2.º Secretário, *César Dias Lima*. Tesoureiro, *Manuel D. Galvão*. Vogais, *Levy Vieira Rocha* e *Fernando C. Pessoa*.

CONSELHO FISCAL — Presidente, *José de Paiva Bobela Mota*. Secretário, *Adrião Pereira Forjaz de Sampaio*. Relator, *P.e Augusto Nunes Pereira*.

Dado o primeiro impulso, a Comissão Administrativa do Câmara Municipal de Montemór-o-Velho, da Presidência do tenente (hoje capitão) José Fernandes Moreira, à qual pertenciam nêste caso os verdadeiros entusiastas, seus vogais, Senhores Capitão Luís Gomes da Silva, António Augusto Rodrigues de Campos, José da Silva Ferrão, Joaquim dos Santos Neto Raínho e Francisco Lopes Bomtempo, compreendendo o alevantado serviço prestado aos seus municípes, dacôrdo com a antiga Comissão e com os actuais Corpos Gerentes, subsidiou, com 30.000$00, a causa nascente, cimentando assim, as bases lançadas e livrando-se do encargo que só a si pertencia de municipalizar tais serviços.

O recurso ao subsídio particular tinha falhado por várias vezes — impunha-se à Câmara esta única solução de maneira a satisfazer o pôvo com o dinheiro que do próprio pôvo vinha, fazendo-lhe êste abono, cujos juros o seu préstimo, beneficia tôda a gente livrando a Câmara dum grande encargo.

São decorridos três anos e o balanço da vida desta Agremiação é consolador sobremaneira.

Consultando o seu dossier bem arrumado constata-se isto:

Aquisição, por arrendamento vantajoso, de séde em sitio central e suficientemente ampla para quartel de material, sala de sessões, gabinetes de Direcção e Comando e casa de continuo.

Bemfeitorias necessárias na referida séde para a sua indispensável adaptação.

Aquisição de uma bombo braçal com todos os acessórios, moto-bomba sistema Northern de 4 cilindros, carro braçal todo equipado, 17 equipamentos completos para bombeiros com respetivas fardas, 150 metros de mangueira, maca portátil e material diverso de pequena importância.

Aquisição de mobiliário e reparação em outro que foi cedido.

Construção da Cosa Esqueleto que se deve encontrar concluida no fim do presente ano.

Instalação da Cabine Telefónica na mesma séde à custa exclusiva desta coletividade.

Pora bem pouco chegaria o subsídio dos 30.000$00 escudos se não fôsse o denodado esfôrço da Direcção em promover todos os anos a festa da Senhora do Desterro e conseguir o maior amôr de todos os habitantes em donativos e quotas como associados.

Pode-se bem orçar hoje, o activo da Associação, em 50.000$00, sem receio de erro, não existindo ao fim do ano qualquer passivo que comprometa o seu futuro, como se vê das suas contas devidamente aprovadas em Assembleia Geral.

Da sua actividade, falam já os seus assinalados serviços na séde, em Arazêde e Pereira, em vários incendios e no transporte de doentes para o hospital de Nossa Senhora de Campos, e além disso.

No alto benefício da manutenção da cabina pública telefónica em serviço permanente diurno e noturno, sustentada à custa de muitos sacrifícios de dinheiro e do seu continuo, que os correios e Telegrafos não querem compreender nem humanamente subsidiar.

Crê-se que o futuro desta Associação, pelo exposto e pelo muito que se lhe quere, se encontra perfeitamente assegurado.

Falta-lhe porém para a sua missão ser completa, dentro de tôda a área do concelho, em tôda a sua eficiência:

Conseguir a aquisição de uma viatura pronto socorro em primeiro lugar, e em seguida mais umas centenas de metros de mangueira.

Está ainda no programa de realizações futuras a aquisição de séde própria para evitar o encargo da respetiva renda.

Tudo isto ficaria bem à iniciativa particular, de quem são próprios êstes nobilitantes gestos à semelhança dos demais concelhos, porquanto esmólas dessas aproveitam os mais desventurados.

Esta Associação com os olhos postos nos mais ricos proprietários do concelho, aguarda confiadamente a solução dêstes seus problemas finais como indeminização dos serviços que presta a todos, inclusivé os pobres, a quem se deve restrito amparo para verdadeiro equilibrio social.

M. R. M.

Membros da actual Comissão Administrativa da Camara Municipal. Na primeira fila, de baixo para cima: ao centro, Dr. João Constantino, presidente; á esquerda, capitão Gomes da Silva, vice-presidente; á direita, José Fernandes Patrão Rosête. Em cima, da esquerda para a direita: Domingos dos Santos, Dr. Mário Mota e Francisco Lopes de oliveira Bontempo, vogais